

## Entrevista com Mariana Varella e Fabiana Cambricoli

[00:00:11] **Thiago Medaglia** Olá, tudo bem? Eu sou o Thiago Medaglia, jornalista de Meio Ambiente e Ciência, e estou aqui para apresentar para você a primeira entrevista do curso de Jornalismo Científico do Centro Knight para Jornalismo nas Américas, em parceria com o Instituto Serrapilheira. Ao meu lado hoje, as jornalistas de ciência Mariana Varella e Fabiana Cambricoli. A gente vai começar primeiro pedindo para que as nossas convidadas se apresentem, e em seguida a gente vai conversar sobre jornalismo científico no Brasil e no mundo. Mariana, você pode se apresentar para o pessoal?

[00:00:48] **Mariana Varella** Claro, eu sou Mariana Varella, eu sou cientista social, jornalista de saúde e atualmente editora-chefe do portal Dráuzio Varella, e também faço pós-graduação na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

[00:01:05] **Thiago Medaglia** Obrigado. Fabiana, sua vez.

[00:01:10] **Fabiana Cambricoli** Olá a todos. Eu sou jornalista de saúde também especializada, há pelo menos oito anos eu cubro esta área no Estadão. Sou formada em jornalismo pela ECA, Escola de Comunicações e Artes da USP, e fiz mestrado também na Faculdade de Saúde Pública da USP, como a Mari também está fazendo agora.

[00:01:31] **Thiago Medaglia** Maravilha, obrigado. Eu acho que a primeira pergunta eu começo pela Mariana, mas a Fabiana fica à vontade para responder também. A primeira pergunta é um pouco geral. Jornalismo Científico, onde é que esse caminho se diferencia do jornalismo convencional na sua visão, Mariana?

[00:01:53] **Mariana Varella** Olha, primeiro acho importante dizer que o jornalismo científico está ganhando uma força muito grande agora com a pandemia, a gente tem visto isso muito, tem observado bastante isso, inclusive um pouco de confusão com os divulgadores científicos, com o pessoal que faz divulgação científica e que não é jornalista. E eu acho que a gente tem - quem trabalha com jornalismo de ciência, de saúde, enfim - além de tudo o que a gente conhece sobre o jornalismo, o compromisso ético com a nossa profissão, da parte do jornalismo mesmo, que é inerente a qualquer editoria, a digamos assim, quem cobre também a parte de ciência tem um compromisso com a ciência, de entender o método científico, entender como se dá a ciência, tentar compreender como fazer uma boa divulgação pensando também nos princípios do jornalismo, né. Eu acho que é aí que a gente difere um pouco do trabalho do divulgador científico, que não tem essa preocupação nem esse olhar do jornalista, mais preocupado em divulgar dados, que é um trabalho super importante mas é diferente um tanto do nosso, embora tenha também aí alguma congruência. Então eu acho que a gente pode pegar por aí, que o jornalista científico - além do compromisso com jornalismo e de seguir a ética jornalística, o nosso dever com o jornalismo - também tem que ter esse compromisso com a ciência, com o saber científico, com método científico, e entender como se dá a ciência, como ela como ela opera

[00:03:28] **Thiago Medaglia** Perfeito. Ou seja, o jornalista de ciência, seja da área de saúde ou de meio ambiente ou de qualquer outra área, precisa se aprofundar, precisa conhecer um pouco como funciona a ciência, quais são os mecanismos, por exemplo, que tornam a ciência confiável, para que ele possa reportar adequadamente esse conteúdo. É por aí que você está falando. Eu queria aproveitar um gancho do que você disse também sobre as diferenças entre o de ciência o jornalista de ciência e os divulgadores, os

comunicadores, alguns deles inclusive cientistas. Onde o que você identifica algumas das principais diferenças?

[00:04:11] **Mariana Varella** Eu acho que o divulgador científico não tem o compromisso com o público como a gente, jornalista, tem. A gente tem que ter uma preocupação também se aquilo que a gente está divulgando é de interesse público, como aquilo vai repercutir, entender um pouco o momento social, político, que a gente está vivendo, para entender como aquilo pode ser estudado ou explicado. A gente tem outras preocupações que vão além de divulgar só a ciência, só os dados de um estudo, por exemplo. O divulgador científico não, geralmente essa divulgação científica é feita por cientistas ou por gente que trabalha com pesquisa, com ciência, e é muito mais focado na divulgação de, por exemplo, os resultados de determinado estudo, meio como uma tradução. Eu acho que o divulgador científico trabalha mais como uma espécie de tradutor, mostrando para o público leigo, explicando aquele estudo, qual é a utilidade daquele estudo, como ele foi feito, enfim. Um jornalista, a meu ver, tem outras preocupações e outros compromissos também, éticos, com o jornalismo mesmo. Principalmente, eu acho que a gente faz um pouco esse exercício de entender, na hora de divulgar, como aquilo vai repercutir, qual a importância e relevância daquilo para o público. Naquele momento, cabe divulgar aquilo? Qual vai ser a repercussão daquilo, se há também outros atores envolvidos naquela pesquisa ou então na repercussão daquela pesquisa, enfim, tem outras preocupações que divergem do trabalho do divulgador.

[00:05:43] **Thiago Medaglia** Perfeito. Acho que dá pra gente dizer que o jornalista de ciência, assim como o jornalista em geral, deveria ter em princípio o interesse público muito presente no seu dia-a-dia. Não se trata apenas de divulgar dados e informações baseadas em ciência, mas também de ter como prioridade na sua cobertura, no seu trabalho, o interesse público por trás daquele determinado assunto. Então eu concordo com você, vai além da tradução. E eu diria também que um outro assunto para a gente explorar pegando esse gancho, que o jornalismo de ciência, quando bem executado, quando bem feito, ele inclusive ajuda a melhorar a ciência. Faz sentido para para vocês essa afirmação?

[00:06:34] **Mariana Varella** Faz total, inclusive o jornalista de ciência muitas vezes opta por não divulgar determinados estudos porque sabe que aquilo pode ter uma repercussão que aquilo não é de interesse público, que não pode confundir ainda mais o público, que não tem consistência, sei lá, por qualquer motivo. Então as escolhas também do que divulgar cabem ao jornalista científico, e o divulgador não tem esse compromisso, não é inerente à profissão do divulgador, ao trabalho do divulgador, que ganhou muita importância agora com as redes sociais, já vinha ganhando importância, e agora com a pandemia. É curioso que eu vejo muito divulgador se surpreendendo com a repercussão do que eles falam, do que eles divulgam, e os jornalistas entendem melhor isso porque a gente compreende essa repercussão, a gente sabe da importância do que a gente diz, do que a gente divulga e enfim, eu acho que você tem razão, acho que pode melhorar, sim. E a gente faz essa espécie de, não é bem curadoria, mas enfim, a avaliação mesmo do que pode ser divulgado, e muitas vezes a gente opta por não divulgar quando a gente sente que isso não é de interesse público ou pode causar uma confusão, um problema ali. Também, muitas vezes a gente divulga, mas também pensar como divulgar, e como aquilo pode ser inserido. Tem toda essa preocupação.

[00:07:46] **Thiago Medaglia** Faz todo sentido, eu concordo. Por favor, Fabiana.

[00:07:53] **Fabiana Cambricoli** Sobre essa sua última pergunta, da questão de como nós acabamos até ajudando a melhorar a ciência, tanto as práticas científicas quanto a divulgação, é que além dessa questão da curadoria que a Mariana mencionou, quase sempre a gente tem que fazer uma repercussão com pesquisadores independentes daquele estudo para verificar qual é a real relevância, porque o autor do estudo sempre vai ter uma visão mais benevolente, digamos assim, dos resultados da pesquisa dele. O interesse dele é natural, não tem nenhum problema nisso, mas quando a gente fala com pesquisadores independentes para repercutir um paper, por exemplo, eles vão comentar mais as limitações do estudo, se existe algum problema, sei lá, de uma amostra menor, de um desvio de protocolo no caso de um estudo clínico, falando aí de alguns exemplos mais comuns. E aí ele ajuda a puxar a gente um pouco para a realidade, no sentido de "o resultado é importante, mas olhe, as limitações são essas". E aí é quase como, claro que é um mecanismo totalmente diferente, mas quando a gente fala de que as revistas científicas mais renomadas têm um mecanismo de revisão por pares, é justamente isso. E na nossa matéria, numa outra escala muito mais simples, a gente acaba fazendo isso também, porque os pesquisadores ficam sob escrutínio de outros pesquisadores que a gente vai entrevistar para a matéria. Então acho que nesse sentido a gente acaba colaborando também.

[00:09:29] **Thiago Medaglia** Muito bom esse teu comentário, acho que é muito útil para jornalistas que não têm familiaridade com ciência. Você falou, por exemplo, de desvio de protocolo ou, de repente, um problema no método daquele estudo, que é apontado por um cientista que não é autor. Você pode aprofundar um pouco isso para o pessoal que não está acostumado a trabalhar com jornalismo de ciência, como é que é isso na prática, no dia-a-dia?

[00:09:59] **Fabiana Cambricoli** Eu acho que muitas vezes a gente como jornalista, mesmo que a gente tenha conhecimento técnico, a gente nem sempre tem tempo de ler todas as particularidades de um estudo, de um paper, de um artigo científico. Mas eu costumo falar que mais importante que o resumo, o abstract em que você vai ler os resultados, as conclusões, é você ver a metodologia e as limitações do estudo. É na metodologia que você vai descobrir, por exemplo, se a gente estiver falando de um estudo clínico para testar um novo medicamento ou vacina, é lá que a gente vai saber qual foi o tamanho da amostra, ou seja, o número de voluntários, se for um estudo randomizado, ou seja, se eles foram divididos aleatoriamente em dois grupos, um grupo que vai receber a intervenção experimental, o outro que é o grupo controle, que é o que não recebe nada para a gente conseguir comparar o resultado daquele produto em teste, e outras questões, das limitações, os próprios pesquisadores precisam descrever essas limitações também no artigo. Então o que seriam essas limitações que você me perguntou? O desvio de protocolo eu tenho um exemplo que eu acho que é bem compreensível para todo mundo que está acompanhando o noticiário da pandemia. Teve um estudo, que foi feito até por pesquisadores brasileiros, que saiu no New England Journal of Medicine, que é um dos principais periódicos médicos, e era sobre cloroquina, uso de cloroquina em pacientes com Covid. E aí, nas limitações falava: os pacientes foram separados em dois grupos, o grupo controle, que não recebeu a medicação, e o grupo que recebeu a medicação, mas a gente não tem como ter certeza absoluta do cumprimento do protocolo porque o uso da cloroquina estava tão disseminado na sociedade, inclusive com gente tomando por conta própria, sem receita, que tinha paciente que chegava do hospital e tinha tomado cloroquina nos dias anteriores. Então eles não conseguiam garantir que o protocolo que eles desenharam estava sendo cumprido integralmente, porque antes do paciente chegar no hospital ele podia ter formado por conta própria. Então isso é considerado um desvio de protocolo mas vejam que não tem nenhum problema científico,

não é uma falha do pesquisador, são condições que nem sempre a pesquisa consegue controlar porque as pessoas vivem em sociedade, tomam suas decisões. Ou então, outro exemplo que é muito comum, também nessa polêmica dos remédios para a Covid, que é um tipo de estudo, o estudo randomizado versus o estudo observacional. Não sei se vocês vão explicar um pouco sobre isso, Thiago, no curso, a gente pode até falar sobre isso, mas não sei se eu vou estar sendo muito específica. Mas a gente precisa observar, por exemplo, o tipo de estudo, quando a gente fala da relevância daquele resultado. E aí tem pesquisadores mal intencionados que pegam um estudo observacional, que não tem tanta confiabilidade, precisão, nos seus resultados e usam aquilo para falar que o medicamento funciona. Então é por isso que eu digo que a metodologia é tão importante quanto observar os resultados, quanto ler os resultados no paper, porque é a partir dela que a gente vai saber qual é o peso daquele resultado, se ele é confiável, se ele é representativo. Então todas essas coisas têm muito a ver com o que a Mariana falou na primeira pergunta, a gente precisa ter um nível de conhecimento do método científico muito profundo para não cair em armadilhas na cobertura desses papers.

[00:13:40] **Thiago Medaglia** Perfeito. São pontos muito importantes que você destaca. Acho que tem muitos caminhos aqui que a gente poderia explorar e dá vontade de falar sobre todos. Mas acho que importante, para quem está acompanhando o curso, é sobre a formação do jornalista de ciência. Vocês procuraram se aprofundar no conhecimento de ciência, então se vocês puderem falar um pouquinho desse processo de formação como jornalistas de Ciências, seja na academia ou no dia-a-dia, eu acho que acrescenta bastante. Mariana você poderia começar?

[00:14:33] **Mariana Varella** Eu acho que tem uma coisa muito importante da parte mais prática: as redações no Brasil, durante muito tempo, não investiram muito nessa parte de cobertura de ciência e de saúde, mesmo na saúde sendo tão relevante no Brasil, um país com mais de 200 milhões de pessoas, que tem o SUS. Então, mesmo assim não havia assim tanto interesse. Até porque formar um profissional mais técnico leva tempo, então você precisa de investimento também, o profissional mais técnico precisa fazer cursos, precisa ter anos de prática para ficar realmente preparado para aquilo. Então as redações tinham um pouco de dificuldade, eu acho, de entender a importância disso e de investir. Isso tem mudado, a gente vê agora, não só os grandes veículos de comunicação mas outros veículos também, entendendo que é importante você ter profissionais que cubram mais as áreas técnicas. Por exemplo, se a gente for pensar de cabeça quantos jornalistas a gente conhece, de nome, que estão na televisão que cobrem economia e política, por exemplo, não se compara com jornalistas que cobrem Ciência, Saúde. Tem muito mais gente cobrindo essas outras áreas, que também são super importantes. Então eu acho que falta um pouco, está melhorando. Acho que com a pandemia talvez, a gente espera que melhore, que as redações entendam a importância de investir nesses profissionais. E porque não é fácil formar um profissional assim, não é fácil, não é barato, não é simples, você precisa fazer muitos cursos, muitas vezes de pós-graduação também. É muito importante investir na formação dessas áreas, mas que são bastante técnicas também muitas vezes, não tem como você cobrir sem você saber, por exemplo, ler um estudo. Isso não é uma coisa que se aprende também tão facilmente. Quer dizer, você precisa estudar, você precisa de tempo, você também precisa conhecer outras fontes de pesquisa, enfim. Então eu acho que quem quer cobrir essas áreas de saúde, ciência, tecnologia também, são áreas mais técnicas, tem que entender que vai ser importante estudar, se dedicar, e é uma coisa que leva tempo. Não se forma um bom profissional nessas áreas técnicas em um, dois anos. É uma coisa que leva realmente alguns anos para se conseguir formar um bom profissional.

[00:17:14] **Thiago Medaglia** Muito bom. Ou seja, não é barato e demanda tempo. A formação do jornalista de ciência tem um aspecto técnico bastante presente, bastante relevante. A gente pode ver, Fabiana, durante a pandemia, a importância de ter profissionais de jornalismo científico nas redações, jornalistas com um conhecimento um pouco mais aprofundado em temas de ciência. É claro que o bom jornalista científico também comete erros, ninguém está imune a isso. Mas alguns erros básicos, de princípio, foram cometidos como, por exemplo, criar falsas equivalências, chamar uma cientista, por exemplo, autora de trabalhos importantes publicados em revistas renomadas e bem conceituadas e colocar essa pessoa para debater com um político que não tem conhecimento, que não é cientista ou, por exemplo, tratar médico como cientista, quando nem todo médico é cientista, a maioria não é. Então esse tipo de equívoco, e outros, você mencionou armadilhas na sua última fala, tem algumas dicas que você poderia, alguns alertas que você faria para quem está interessado em trabalhar com jornalismo científico?

[00:18:33] **Fabiana Cambricoli** Eu acho que tem algumas coisas que, mesmo que um jornalista não seja super aprofundado ou especializado nesse tema, tem algumas coisas que são meio básicas da prática jornalística, e tem outras que, como a Mari falou, que demora um tempo para o jornalista se formar nessa área, ele precisa fazer muitos cursos. Eu acho que no começo é sempre importante o jornalista que for pautado para fazer uma matéria de um estudo científico, por exemplo, ter a humildade para reconhecer que ele não tem a capacidade técnica de avaliar aquilo. Eu acho que nem a gente, a Mari vai concordar comigo, que tem anos de experiência nessa área, muitas vezes a gente também não tem confiança para interpretar um estudo no sentido de saber "ah, isso é muito importante, a gente tem que dar logo, mas pode ser uma armadilha" e a gente vai falar com os especialistas daquela área. Então imagina para uma pessoa que não tem vivência nenhuma no jornalismo científico, já vai chegar sem saber, por exemplo, que tem estudos que saem em revistas científicas que não têm relevância, não são confiáveis. Tem um termo que a gente usa, que são as revistas predatórias, que são revistas científicas que muitas vezes falam que têm revisão por pares mas essa revisão é feita de uma forma totalmente obscura, ou talvez nem é feita, e as revistas na verdade estão interessadas em receber o valor da submissão, porque quase todas as revistas cobram um valor para o pesquisador submeter o artigo e publicar. Então o que eu vejo muito, Thiago, principalmente em sites que precisam ter uma produção muito grande de conteúdo, toda hora, eu vejo um monte de estudo que não tem relevância nenhuma que sai em revista que não é respeitada. E aí sobe uma matéria ali com cinco parágrafos, só resumindo o resultado dos estudos. Então acho que minha primeira dica é: tentem entender um pouco melhor como funciona essa questão da publicação dos estudos. Como a gente já falou um pouco aqui, é importante estar atento à confiabilidade das revistas científicas, que a gente pode medir tanto pela questão se ela é revisada por pares e também por um outro critério que a gente chama de fator de impacto. Falando de forma muito simples, o fator de impacto de uma revista tem a ver com o número de vezes que os estudos que ela publica são citados em outras publicações, tem uma consultoria que faz isso, dá para a gente consultar na internet esse relatório do fator de impacto. Então se ela tem um fator de impacto muito alto, é um sinal de que ela tem uma confiabilidade maior. Mas de forma geral, eu também passo também alguns nomes de revistas que são mais renomadas, que talvez sejam as que a gente precisa ficar mesmo mais atento, e se não tiver nesse grupo das revistas que a gente conhece, é para a gente desconfiar, tentar procurar um pouco mais e tal. Depois acho que a gente pode até passar algumas referências para você compartilhar com os alunos quais são as revistas. Tem alguns sites também que ajudam muito a gente, que são sites de divulgação desses estudos, que divulgam embargados para o jornalista, tem que fazer um cadastro. Então o mais famoso internacional é o EurekaAlert!, e agora a gente tem a Agência Bori no Brasil, então dá pra

gente se cadastrar, a gente tem acesso aos estudos com embargo. Lá tem o contato do pesquisador, a gente pode tentar tirar dúvidas, e aí a gente tendo acesso ao estudo embargado com dois, três dias, o risco de cometer erro é muito menor porque a gente vai conseguir ler, a gente para conseguir tirar dúvida, vai conseguir repercutir com pesquisador brasileiro, se for internacional, que vai nos ajudar a traduzir. Então assim, a minha dica principal é: não saia correndo, publicando um artigo, sem saber se aquele artigo é sério, relevante, só porque o concorrente deu, não vale a pena o clique por causa disso. E segundo, eu tenho a humildade de sempre reconhecer: a gente não é especialista em todas as áreas do conhecimento, então procure uma pessoa que seja especializada naquela área para comentar. Essa também é uma outra armadilha. Às vezes você pega um paper sobre HIV e você vai comentar com qualquer infectologista. Tudo bem, geralmente ele vai ter o conhecimento básico daquilo, mas se for uma coisa muito específica, muito inovadora, provavelmente o melhor cara para comentar aquilo é o infectologista, cientista que estuda HIV, Aids. Se você pegar uma pessoa que estuda a dengue, que também é infectologista, ele vai ter alguns comentários gerais mas talvez ele não tenha um conhecimento muito minucioso para te falar se aquilo é relevante ou não. Eu sei que assim, eu estou falando o cenário ideal do ideal, se a gente tivesse todo o tempo do mundo pra apurar uma matéria. Mas não podemos nivelar por baixo também, então as condições de sempre procurar uma pessoa especializada naquilo e, assim, eu mesmo já fiz várias vezes, eu ligo pesquisador e falo assim "Eu estou com um paper aqui e não tenho certeza se isso é relevante, se estou entendendo direito os resultados, posso te passar o PDF e você dar uma olhada antes de falar comigo?". Também é importante, porque ele vai ler primeiro e já vai te dar um feedback do que ele acha, e vai te apontar "olha, as limitações do estudo são essas, é importante mencionar isso na matéria também". Então acho que são essas as principais dicas que eu daria.

[00:24:32] **Thiago Medaglia** São muito boas, acho que você toca em questões muito importantes como, por exemplo, o tempo da ciência e o tempo do jornalismo, que muitas vezes são diferentes. Também é importante dizer, vou fazer uma ressalva, que o jornalismo de ciência não é inalcançável. Claro que, com esforço, o próprio exercício da profissão, o dia-a-dia em reportagens, é de onde vem a maior parte do conhecimento que a gente adquire ao longo da carreira. Mas você toca em pontos muito importantes, Fabiana, como, por exemplo, essa questão do timing que é importante, para o jornalista de ciência, defender, junto ao seu editor, a importância de fazer aquilo com cuidado, com tempo, com precisão. Eu acho que a internet e as redes têm cansado de nos dar amostras de como é importante a gente fazer o jornalismo com precisão ao invés da pressa, essa questão do furo de reportagem perdeu muito sentido com a internet, com as redes sociais. Não vale a pena fazer essa troca. E eu acho que tem outro ponto importante que você toca que a gente costuma atribuir a confiabilidade na ciência ao método, mas essa troca de informação que você destacou na sua fala é um dos aspectos mais importantes para confiabilidade na ciência, ou seja, é justamente o fato de que cientistas do mundo todo especializados em determinado assunto estão trocando informações, estão acessando bases de dados, estão colocando em xeque as teses, os resultados de colegas, estão participando de conferências, então, essa prova de fogo da ciência, essa troca de informação é muito importante. E você toca também na questão do conceito do especialista, que a gente costuma confundir, nas redes e na cobertura jornalística em geral a gente vê muitos erros, em geral o jornalismo atribui essa alcunha de especialista não necessariamente à cientistas que têm, por exemplo, estudos importantes publicados em revistas de peso sobre aquele assunto específico. Acabam chamando de especialista quem não é, e também tudo é chamado de estudo, algumas coisas que são muito diferentes entre si como, por exemplo, uma análise de laboratório ou um tuíte de um cientista ser chamado de estudo, e um paper publicado na Nature ou na Science também

é chamado de estudo em uma em uma manchete de jornal. Como é que você transita por tudo isso no seu dia-a-dia, Mariana?

[00:27:26] **Mariana Varella** Olha, como eu falei, demora um tempo para você se familiarizar e dominar um pouco essa nova nomenclatura, digamos assim. Agora, pegando um pouquinho o gancho do que a gente está falando da mídia e também da imprensa agora na pandemia, a gente pode sempre apontar muitos erros, a gente faz isso o tempo todo, a gente gosta de ficar analisando o trabalho uns dos outros, enfim, mas eu também acho que a gente tem que reconhecer o trabalho que a imprensa brasileira está fazendo nessa pandemia, sabe. Eu brinco, eu fico fazendo esse exercício que é como se eu tivesse que acordar um dia e me jogassem numa redação e falassem: agora você tem que cobrir economia. Eu, no começo, nem sabia nem pra onde ir, né. Como vou começar a fazer isso? E foi essa coisa que aconteceu com muitos jornalistas nessa pandemia. Um dia tivemos que cobrir uma pandemia de um vírus super contagioso, então uma pandemia com uma dinâmica muito especial e muito rápida, as orientações mudando de um dia para outro, uma enxurrada de estudos pré-prints e todos observacionais ou não, e tudo isso caiu no colo das redações. Todo mundo ávido por informação, e paralelamente a gente sem informações oficiais aqui no Brasil, a gente não teve informações do Ministério da Saúde, que sempre foi um ministério que servia muito para orientar os jornalistas também, que tradicionalmente tem uma boa relação com a mídia nos anos todos que eu cubro, pelo menos, sempre foi assim. Então foi uma coisa muito louca o que aconteceu e eu acho que a imprensa, de um modo geral, fez um belo trabalho. Se você pensar que a gente não teve nenhuma campanha do Ministério da Saúde, por exemplo, pedindo pra as pessoas colocarem máscaras, e que muito do que de fato das pessoas estarem usando máscara hoje é por causa da imprensa. Não só, obviamente, tem um trabalho também dos divulgadores nas redes, enfim, mas a imprensa fez um belo trabalho no geral. Claro que é sempre possível apontar erros e a gente tem que sempre se analisar e fazer críticas pra gente melhorar, para toda a imprensa melhorar, como um todo, mas eu acho que de um modo geral a gente foi bem sucedida nessa empreitada e que foi um desafio para a imprensa do mundo todo. Essas discussões estão acontecendo em todos os países, não só aqui no Brasil. Então eu acho que, no frígido dos ovos, a gente se saiu bem, sabe, acho que a gente tem mais coisa boa para contar do que problemas. Embora seja super importante a gente falar dos problemas também. Eu acho que vocês concordam também.

[00:30:09] **Thiago Medaglia** Eu concordo, faz todo o sentido. A Fabiana concorda também com essa visão do papel da imprensa no Brasil?

[00:30:19] **Fabiana Cambricoli** Eu tenho esse mesmo sentimento que você falou Mari, de que se eu fosse jogada para cobrir economia eu ia... eu vejo colegas que vieram de esportes, de economia, de cultura, e do dia para a noite está tendo que falar de teste sorológico versus molecular, PCR e tal, e eu tiro meu chapéu. Eu acho que, na verdade, essas dicas que a gente traz um pouco aqui é pro contexto mais genérico da cobertura de ciência mesmo, que eu acho que apontar o dedo nesse cenário da cobertura da pandemia é complicado mesmo, a gente está vivendo num cenário atípico. Mas eu acho que algumas das coisas que eu falei, da gente tem um certo critério, procurar as fontes, nem sempre foi possível fazer o trabalho ideal na pandemia, mas eu acho que mesmo antes da pandemia a gente já via algumas algumas questões que poderiam melhorar na cobertura de ciência, que às vezes poderia levar à desinformação. Então eu acho que a gente tem que ter essa visão equilibrada mesmo que a Mari falou, ter uma certa compreensão de tudo o que a gente passou, de todo o trabalho que nós e os demais colegas fizemos, e como foi muito importante para minimizar os danos que o governo federal causou nessa pandemia, infelizmente, no Brasil. Mas sempre procurando melhorar

também, e não é por mal, eu acho que às vezes tem um título que é feito na correria que pode provocar um problema grande na compreensão das pessoas, na confiabilidade das vacinas, sabe. O entendimento da questão dos medicamentos, que foi outra polêmica no Brasil. E aí quando você tem um cenário que o Ministério da Saúde, o presidente, não ajudam, a gente tem que tomar o dobro de cuidado do que com o que a gente vai divulgar. Então eu concordo, sim, com a Mari.

[00:32:14] **Thiago Medaglia** É bastante desafiador e acho que as reflexões aqui sobre os erros certamente não têm a intenção de apontar o dedo, como vocês estão destacando, mas da gente refletir mesmo sobre o exercício da profissão porque está em jogo o interesse público e, quando a gente está falando de ciência, tem questões muito sensíveis, com um impacto muito grande no dia-a-dia, na saúde das pessoas, na vida das pessoas, no futuro do planeta, quando a gente fala de cobertura climática, por exemplo, o nosso futuro, dos nossos filhos e tal. Então as reflexões são construtivas nesse sentido. Mas eu concordo, há muito a enaltecer no trabalho da imprensa e a gente vem aprendendo com os erros também, não só com os acertos. Aproveitando que vocês estão falando da pandemia, eu acho que seria importante a gente abordar algumas das mudanças na cobertura de ciência que a pandemia trouxe que talvez, na perspectiva de vocês, algumas coisas vieram para ficar? Por exemplo, os pré-prints, eu acho que é importante a gente falar deles, eles são necessariamente ruins ou não? Ou cabe ao jornalista exercer esse senso crítico? Eu vou começar pela Fabiana agora, o que você acha Fabiana?

[00:33:39] **Fabiana Cambricoli** Eu acho que depois que a gente passar o período realmente crítico da pandemia, quando a gente conseguir superar essa fase mais difícil que a gente ainda está mergulhada infelizmente, e eu acho que não vai ter a mesma frequência de publicação de matérias sobre pré-print como foi durante a pandemia. Por duas razões. Primeiro, porque a gente está numa emergência de saúde pública internacional sem precedentes e que a gente espera que nas próximas décadas não se repita. Então a gente tem uma urgência de divulgação do conhecimento, tanto entre os pesquisadores quanto para a população em geral. Foi dada alguma flexibilização, tanto pelas revistas científicas de como divulgar, uma alguma divulgação com menos critério, porque se viu importante que aquele conhecimento fosse difundido para o maior número de pessoas em todo o mundo porque, afinal, também é um desafio enfrentado pelo mundo inteiro, diferente de outras epidemias, que às vezes a gente via mais concentrada em um país ou em uma região. Então assim, a gente tem esse cenário de ser uma situação atípica, epidemiológica e de saúde pública, e também essa ânsia da população de ter as informações, porque é isso que a Mariana falou, a gente tem que lidar com um monte de coisa que a gente não sabia, os jornalistas de outras áreas caíram de paraquedas. A gente teve um desafio extra porque os especialistas também não sabiam, era uma doença nova. Eu lembro da primeira matéria que eu fiz de Covid, eu entrevistei um infectologista em janeiro, foi quando ainda era uma pneumonia viral sem definição do agente etiológico, e ele falou assim "a OMS não sabe ainda se transmite de humano para humano", imagina, uma doença que começa, a gente nem sabia. Então foi muito difícil. Então eu acho que tem sentido o pré-print ter ganhado mais espaço, embora a gente talvez vá prestar mais atenção neles daqui pra frente, acho que não vai ser a mesma frequência, porque o contexto vai ser diferente. Mas um segundo ponto que eu queria trazer é que o pré-print não passa mais na mão do jornalista, primeiro com a questão dos grupos de WhatsApp e de redes sociais, de gente compartilhando, dos próprios pesquisadores mais ativos nas redes sociais, deixou de ser uma decisão, a gente não tem mais o poder da informação, e eu acho bom isso em teoria, porque eu acho que quanto mais pessoas estarem empoderadas da informação, é ótimo. O que eu acho ruim é o uso



que se faz disso. Então teve várias vezes que a gente enfrentou um dilema na redação, de sair um pré-print que tem ali um resultado sobre uma vacina, sobre efetividade, tem uma amostra limitada, a gente pensando se ia publicar aquilo ou não, e em cinco minutos depois já estava rolando nos apps. Então a nossa opção, e a minha opinião pessoal, eu sempre defendo isso com os editores, eles costumam concordar, é que a gente não tem opção mais de não falar sobre aquilo para abafar. Porque se a gente não falar, pessoas que querem propagar desinformação vão ocupar o nosso espaço, e aí a gente tem que ocupar o espaço com informação de qualidade. Então falar o resultado daquele pré-print, mas fazendo todas as ressalvas, explicando o que significa. Eu acho que a gente tem que ter cada vez mais um diálogo mais franco com o leitor, e sair um pouco desse pedestal, como dono da verdade, o detentor da informação exclusiva, e nos ver como um tradutor e como uma pessoa que vai fazer o alerta, porque não tem mais como fugir. E eu acho isso superimportante. Eu sei que já teve até matérias durante a pandemia, que algumas pessoas vieram falar comigo, "porque você fez matéria desse pré-print?". Porque se eu não fizesse uma explicação de todos os problemas, ele já estaria rodando. E aí tem todas as ressalvas na matéria, mil especialistas comentando quais são os problemas do estudo, a gente não pode simplesmente ignorar porque as pessoas, o exército de fake news, desinformação, tem um poder muitas vezes de viralizar muito maior do que nós. Inclusive, se a gente não agir rápido, a informação deles vai chegar primeiro, sabe, então eu tenho uma postura bem convicta sobre isso, sabe, eu defendo um pouco isso, porque a gente não tem mais esse controle. Vamos lá, vamos mudar as nossas práticas diante desse novo cenário, sabe.

[00:38:22] **Thiago Medaglia** Muito interessante. Uma mudança de fato ocasionada por todo esse ambiente, que também foi bastante tóxico, de desinformação. Além de todos os aspectos positivos que a gente enaltece do trabalho da imprensa, mas a gente também tem que falar disso, do quanto foi difícil para os jornalistas na linha de frente, como vocês, combater a desinformação de um assunto tão sério. A gente está caminhando para o encerramento da entrevista, eu queria ouvir a Mariana sobre esses assuntos que a gente acabou de abordar, com relação às mudanças que a pandemia trouxe ao combate à desinformação e à vivência como jornalista durante a pandemia.

[00:39:06] **Mariana Varella** Olha, você falou uma frase há pouco, a ciência tem um tempo que não é exatamente o mesmo do jornalismo. Eu acho muito importante que fique bem claro mesmo que ciência tem um tempo e ela precisa desse tempo, e o jornalismo quer publicar tudo pra ontem. Então, às vezes é hora do jornalista parar, "calma, é melhor atrasar e não dar esse furo" quando ele não tem certeza de que se aquilo é de boa qualidade, se aquilo representa realmente uma mudança de paradigma em alguma coisa, enfim, segurar um pouco. Isso que a Fabiana falou, consultar especialistas e preparar uma matéria mais bem elaborada, trazendo os problemas, levantando outras questões, do que simplesmente jogar e dar o furo, ganhar cliques e acabar fazendo uma bobagem. Eu acho que quem cobre a área poderia também, com a pandemia isso ficou muito importante, quem cobre essa área de ciências, o jornalista ganha muito se ele estudar um pouquinho de comunicação de risco, porque a literatura de comunicação de risco é muito útil pra gente nesse sentido. Por exemplo, você aprende coisas do tipo pânico em saúde, por exemplo, não é bom conselheiro, então você gerar pânico desnecessariamente causa às vezes um estrago, que depois se tem que correr atrás para apagar o incêndio. É um cenário muito forte para desinformação, muito propício à desinformação. Ser claro na comunicação, comunicar incertezas, por exemplo, isso é muito importante numa pandemia. Uma das frases que eu mais ouvi de especialistas era "a gente ainda não sabe, a ciência ainda não sabe". Nunca ouvi tantas vezes porque tem muita incerteza, e a gente tem que ser honesto quanto a isso também, o jornalista comunicar a incerteza, o

cientista tem que comunicar a incerteza, porque você precisa também criar uma certa um vínculo com quem você está informando, quem é quem está recebendo a informação precisa confiar em você. Se você ainda não souber ou tiver dúvidas, você vai dizer, você não vai omitir, você não vai mentir. Esse é um conselho que eu falo muito para os jornalistas também, estuda um pouquinho de comunicação de risco, a OMS tem um manual também, é muito claro, com informações bem didáticas mesmo, como comunicar risco, mais voltado para as autoridades sanitárias e para autoridades políticas, que precisam comunicar risco em caso de emergências sanitárias, mas que serve para o jornalista também. Acho que tem boas dicas ali de como fazer uma comunicação boa neste sentido, principalmente se você não for da área e precisar de repente, no caso da pandemia quase todo mundo mesmo, gente do esporte, etc. Muitas vezes ligam para a gente, pedem dicas, porque não sabem mesmo, é uma área nova para essas pessoas. Então acho que a comunicação de risco pode ensinar muito para um jornalista nesse sentido.

[00:41:45] **Thiago Medaglia** Que dica preciosa, essa dica é muito boa. Eu acho que vale a pena mesmo acessar. Eu agradeço muito a participação de vocês, e se vocês quiserem fazer algum comentário final, se tiver algo que vocês queiram destacar, fiquem à vontade.

[00:42:13] **Fabiana Cambricoli** Eu só queria agradecer o convite, eu fico sempre muito feliz com essas iniciativas, eu adoro participar porque eu acredito muito, apesar de nós jornalistas sermos treinados sempre para ir atrás de informação exclusiva, do furo, mas eu também acredito muito na cultura da colaboração e em passar o conhecimento. Acho que isso é muito forte na nossa área de saúde e ciência. A gente sempre troca muita ideia, eu acho super legal essa iniciativa, eu estou à disposição também, se qualquer pessoa quiser trocar ideia, pode mandar uma mensagem no Twitter, e geralmente onde eu divulgo minhas matérias. E eu acho que tem várias formas, como vocês já disseram e eu sempre acredito que, dentro do possível, é sempre melhor adiar e publicar uma coisa que a gente tem certeza, que tem precisão, do que causar um dano, porque eu acho que na área de saúde, você publicar uma matéria que tem alguma imprecisão pode causar um efeito na saúde coletiva, em adesão de campanha de vacinação, então é muito grave. Então a gente tem que ter noção. Não é uma coisa inalcançável, é uma coisa que a gente consegue aprender com o tempo, no jornalismo de saúde e ciência. Mas a gente também tem que ter consciência da nossa responsabilidade nesse tema, então essa é a mensagem que eu queria deixar. E obrigada novamente.

[00:43:45] **Thiago Medaglia** Muito bom. Obrigado, Fabiana, pela sua participação. E agora eu deixo a oportunidade da Mari se despedir.

[00:43:54] **Mariana Varella** Eu também queria agradecer, Thiago. Concordo plenamente com a Fabi, acho que até o fato da gente que cobre saúde sermos poucos, a gente troca muita informação. Isso é tão bacana, porque muitas vezes a área do jornalismo é vista como uma área muito competitiva, e às vezes é mesmo, mas quando rola de fazer trabalho colaborativo, quando rola esse ambiente de troca é tão legal, e todos os grandes jornalistas que eu conheço e que eu admiro, eram pessoas muito generosas nesse sentido, sabe, de ter paciência para conversar com quem está começando, de dividir a informação com colegas, de repercutir o trabalho dos outros. Acho que isso é muito importante e acho que isso enriquece o exercício do jornalismo, a gente aprende muito com isso. E eu acho que a coisa mais bacana, quando rola, não é sempre que rola mas quando acontece é muito legal mesmo, e a área da saúde no Brasil tem uma coisa bacana nesse sentido, eu acho que a gente consegue trocar bastante coisa, e isso eu acho que vale a pena. Investir nessas na área de ciência, como eu disse, é uma área que

às vezes dá um pouco de medo de você investir porque requer muito tempo, requer investimento para você se especializar, e depois "poxa, e se eu jogar todas as minhas fichas aqui e não der certo, eu passei todo esse tempo aqui fazendo, será que depois eu vou poder depois cobrir política, cobrir o que tem mais campo?". Mas eu acho que vale a pena, porque eu acho que é uma área que está melhorando no Brasil, ganhando reconhecimento e que as redações vão acabar reconhecendo a importância de ter jornalistas qualificados nessas áreas de ciência, tecnologia, enfim.

[00:45:26] **Thiago Medaglia** Eu concordo totalmente, acho que inclusive tem muitos desafios à frente e a gente vai precisar bastante da ciência. O próprio desafio da crise climática é cada vez mais presente, ele tem decorrência na área de saúde também. A pandemia, antes de tudo, é uma crise ambiental em essência. Então todos esses aspectos estão aí, eu concordo que a perspectiva de trabalho com o jornalista de ciência é muito boa, na minha opinião, dentro de uma profissão que vem enfrentando muitos desafios estruturais, que não é uma profissão fácil, mas quem foi mordido pelo bichinho do jornalismo dificilmente consegue escapar. Eu agradeço muito a oportunidade de estar conversando com vocês e acho que a ideia do curso, a ideia do programa é justamente formar uma comunidade de jornalistas com conhecimento de ciência, com conhecimento um pouquinho aprofundado. O primeiro passo nesse sentido é trocar. Acho que é isso, a gente ganha muito quando a gente troca experiência e conhecimento. Todo o jornalismo ganha, e o público, que é o mais importante, as pessoas ganham. Então eu agradeço muito a participação de vocês, foi um prazer estar conversando com vocês hoje, e a gente volta a falar pelo chat, pelas redes sociais. Um abraço para todo mundo que nos acompanhou.